



01 a 04 de
OUTUBRO
EVENTO GRATUITO

IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

“MUY MAL PAGO” E MAIS: A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER NO TANGO *TOMO Y OBLIGO*

“MUY MAL PAGO” AND MORE: THE SOCIAL REPRESENTATION OF WOMEN IN THE TANGO SONG *TOMO Y OBLIGO*

Rafaela Oppermann Miranda (UPF)¹

Gerson Luís Trombetta (UPF)²

Resumo: O artigo analisa a representação social da mulher no tango *Tomo y obligo*, clássico argentino eternizado na voz de Carlos Gardel. As teses propostas por Stuart Hall (2016) e Mikhail Bakhtin (2016) fundamentam a argumentação. A investigação demonstra que a letra do tango *Tomo y obligo* reforça a representação da mulher como sujeito subalterno, cujas ações podem conduzi-la à morte, especialmente em função da honra masculina. A representação da mulher, assim, não é mero reflexo ou imitação da realidade. Antes, a representação é construída no jogo dinâmico entre o plano que se mostra (a linguagem), a cultura e as relações de poder.

Palavras-chave: Representação. Mulher. Tango. Sentidos. Discursos.

Abstract: The article analyzes the social representation of women in the tango song *Tomo y obligo*, an Argentinian classic immortalized in the voice of Carlos Gardel. The theses proposed by Stuart Hall (2016) and Mikhail Bakhtin (2016) support the argument. The research demonstrates that the lyrics of the tango song *Tomo y obligo* reinforce the representation of women in a subordinate position, whose actions can lead them to death, especially because of male honor. The representation of women, therefore, is not a mere reflection or imitation of reality. Rather, the representation is constructed in the dynamic game between the plane that is shown (language), culture and power relations.

Keywords: Representation; Woman; Tango; Meanings; Discourses.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Las cosas sólo son puras si uno las mira desde lejos.
(Jorge Drexler)

¹ Estudante do Curso de Mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, com bolsa CAPES. Contato: 200060@upf.br.

² Doutor em Filosofia. Professor no Programa de Pós-Graduação em História e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. Contato: gersont@upf.br.



O enunciado que serve de epígrafe a este trabalho foi proferido pelo cantor uruguaio Jorge Drexler em uma Conferência TED no ano de 2017. A fala deriva de um contexto de reflexão acerca do tripé poesia, música e identidade, mais especificamente da ponderação a respeito da complexidade constitutiva tanto da forma poética *la décima* quanto do gênero musical *milonga*, expressa pelas múltiplas influências culturais (Poetry [...], 2017).

Em vista disso, como ponto de partida, este trabalho assume a premissa de que as coisas somente são puras (homogêneas) se observadas de longe. Dessa afirmação, é preciso distinguir o seguinte desdobramento: qualquer coisa, quando examinada, tende a revelar sua constituição multifacetada. Para tanto, torna-se interessante observar como isso é válido para as linguagens dos objetos, como no caso das canções.

Nesse quadro, o objetivo deste estudo está em analisar, ainda que sumariamente, a representação social da mulher presente em uma música argentina clássica, *Tomo y obligo*, tango de 1931 cuja letra é de autoria de Manuel Romero e música de Carlos Gardel, responsável pela eternização do tango em sua voz. A tarefa encontra justificativa ao oferecer inteligibilidades quanto à construção de representações sociais da mulher e de seu papel na tessitura de leituras de mundo, afinal, como assevera Denise Jodelet (2001), psicóloga social francesa, as representações auxiliam na definição e interpretação de aspectos da realidade, já que exprimem os sujeitos e os próprios objetos.

Para o cumprimento do referido propósito, o texto que segue se organiza em duas seções. A primeira tematiza aspectos da abordagem construtivista da linguagem com base, principalmente, nos trabalhos de Stuart Hall (2016) e Mikhail Bakhtin (2016 [1959-1961]). Essa seção também apresenta a análise propriamente dita. Já a segunda, reúne as considerações finais.

POR UMA ABORDAGEM CONSTRUTIVISTA DA LINGUAGEM

Como mencionado, o interesse deste ensaio se precipita sobre a representação social da mulher no tango argentino *Tomo y obligo*. Contudo, o que é representação? Qual sua relação com a cultura e a linguagem?



No capítulo inicial de sua obra *Cultura e Representação*, intitulado “O papel da representação”, o teórico jamaicano Stuart Hall (2016, p. 31) apresenta, já nas primeiras linhas, uma explicação que se torna bastante cara a este trabalho: “Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar *envolve* o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos”.

À definição, cumpre somar o apontamento de Jodelet (2001) a respeito de que as representações, entendidas como sistemas de interpretação, organizam as relações sociais, determinando, inclusive, identidades individuais e coletivas. Para a estudiosa, a comunicação social é o que transmite a linguagem e as representações, não é senão condição de possibilidade do pensamento social. Pode servir como ilustração desse processo o discurso dominante sobre o estatuto da mulher na sociedade.

Para melhor compreender a relação existente entre representação, linguagem, sentido e cultura, Hall (2016) explora três diferentes abordagens que discorrem acerca da conexão linguagem e mundo: 1) a reflexiva; 2) a intencional; e 3) a construtivista. Resumidamente, na primeira abordagem, a linguagem reflete ou imita fielmente a realidade. Na segunda, significa aquilo que o autor pretende. Já na terceira, a linguagem constrói o sentido, proporcionando inteligibilidades sobre o mundo. Tendo isso em vista, cabe explorar traços mais específicos de cada uma.

Na abordagem reflexiva, segundo Hall (2016, p. 47), “o sentido é pensado como repousando no objeto, pessoa, ideia ou evento no mundo real, e a linguagem funciona como um espelho, para *refletir* o sentido verdadeiro como ele já existe no mundo”. Como sugere o próprio teórico, essa abordagem encontra certa limitação ao não considerar devidamente a importância do código compartilhado entre os sujeitos. Tal relevância reside no fato de que “se alguém me diz que não há nenhuma palavra como *rosa* para certo vegetal em sua cultura, a planta verdadeira no jardim não pode resolver a falha de comunicação entre nós” (Hall, 2016, p. 47).

A abordagem intencional, por sua vez, entende que “é o interlocutor, o autor, quem impõe seu único sentido no mundo, pela linguagem. As palavras significam o que o autor pretende que signifiquem” (Hall, 2016, p. 48). Ora, mesmo a linguagem guardando uma dimensão intencional



(persuasiva) em sua essência, não é possível que cada sujeito seja a única fonte de significados, até porque, como explica Hall (2016), isso implicaria em linguagens particulares, logo, no comprometimento da comunicação.

Já a terceira abordagem, a construtivista, reconhece, justamente, o caráter social da linguagem. Com efeito, “atesta que nem as coisas nelas mesmas, nem os usuários individuais podem fixar os significados na linguagem” (Hall, 2016, p. 48). Assim, essa abordagem admite que o sentido não é senão construído pelos atores sociais, mediante o uso de sistemas representacionais.

Diante do impacto da abordagem construtivista nos estudos culturais, Hall (2016) dedica maior atenção a ela, chegando a examinar, ao longo de sua obra, duas de suas variantes, a semiótica e a discursiva³. Embora nenhuma delas se relacione diretamente à perspectiva da linguagem oriunda do Círculo de Bakhtin, este trabalho aproxima reflexões de Stuart Hall (2016) e proposições de Mikhail Bakhtin (2016), pensador integrante daquele grupo de intelectuais russo.

Na perspectiva bakhtiniana, a linguagem encontra manifestação na forma de enunciados. Um enunciado, por sua vez, não pode jamais ser caracterizado como mero reflexo da realidade, afinal, “sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular e que, ademais, tem relação com o valor (com a verdade, com a bondade, com a beleza, etc.)”, instrui-nos Bakhtin (2016, p. 95). Isso é assim porque os elementos linguísticos repetíveis são capazes de criar sentidos novos e singulares, a depender da interação social estabelecida.

Bakhtin (2016) não deixa de reconhecer que todo texto tem um autor e que pressupõe uma intencionalidade. Tanto é que o pensador distingue o projeto de discurso como constitutivo do enunciado, ou seja, a vontade/intenção de produzir sentidos por parte daquele que fala/escreve como elemento integrante da comunicação. Contudo, segundo o pensamento bakhtiniano, importa observar como a linguagem opera na (con)formação de sentidos, isso tendo em vista a interação entre os interlocutores, e não apenas a figura do autor.

Nesse prisma, Bakhtin (2016) concebe o texto como sendo composto por dois polos inter-relacionados: o da linguagem e o do sentido. O primeiro abrange aqueles elementos repetíveis,

³ A primeira se mostra influenciada pela linguística de Ferdinand de Saussure e a segunda, pelos estudos de Michel Foucault.



técnicos, linguísticos. Já o segundo, compreende as relações dialógicas (relações de sentido). Esse polo é realizado por meio daquele, sem, entretanto, reduzir-se aos seus limites. Em outras palavras, se bem o sentido de um texto é determinado pelos elementos linguísticos, não deixa de se estender a elementos do mundo da cultura - extralinguísticos, portanto.

As ciências humanas, na visão do pensador russo, devem assumir o texto como objeto empírico de estudo e o discurso, sugere-nos o mesmo Bakhtin (2016), deve constituir o objeto teórico. Com efeito, é preciso estudar o texto do ponto de vista de sua constituição discursiva, buscando responder a perguntas do tipo:

- i) Que vozes e valores sociais emergem desse objeto?
- ii) Que relações de sentido o texto cultiva com outros?
- iii) Que imagens/representações são construídas discursivamente no texto?

Isso posto, cumpre atentar para um apontamento feito pelo pensador nos anos 1970, já ao final de sua vida, em resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir* acerca do estado da ciência da literatura. Bakhtin (2017 [1970]) posicionou em relevo a compenetração da cultura do outro, que pressupõe aproximação e distanciamento, como um gesto criativo. Esse fenômeno, segundo o pensador, permite colocar novas questões para a cultura do outro, possivelmente que ela mesma não se colocava. A cultura, então, tende a responder, revelando tramas de sentidos, o que, vale notar, é possível em razão dos sentidos culturais das épocas posteriores, que operam a favor de tal revelação.

Assim, cabe elucidar os dois movimentos envolvidos no gesto de compenetração da cultura do outro: aproximação e distanciamento. Retoma-se, desse modo, o conteúdo da afirmação de Jorge Drexler (Poetry [...], 2017). Segundo o cantor uruguaio, as coisas somente são puras se contempladas a uma certa distância, então, visando melhor compreendê-las, é preciso acercar-se a elas. Bakhtin (2017) assegura que, além desse movimento de aproximação, torna-se necessário um retorno à posição singular e única ocupada pelo sujeito cognoscente, ou melhor, a manutenção do distanciamento. Essa posição, afinal, proporciona um excedente de conhecimento que, por sua vez, confere acabamento ao cognoscível.



01 a 04 de
OUTUBRO
EVENTO GRATUITO

IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

Delinea-se, assim, a análise da canção. Por questões de extensão, o exame se concentra na letra do tango argentino, exposta no Quadro 1. Isso não deve levar a crer que elementos como melodia e tom não significam, é dizer, não produzem sentidos, mas sim a admitir-se o grau de limitação desta análise.

Quadro 1: Letra de *Tomo y obligo* (2014) e sua tradução⁴

Tomo y obligo, mándese un trago Que hoy necesito el recuerdo matar Sin un amigo, lejos del pago 4Quiero en su pecho mi pena volcar	Bebo e obrigo, mande um trago Que hoje preciso a lembrança matar Sem um amigo, longe de casa 4Quero minha tristeza em seu peito derramar
Beba conmigo y si se empaña De vez en cuando mi voz al cantar No es que la llore porque me engaña 8Yo sé que un hombre no debe llorar	Beba comigo e se embarga De vez em quando minha voz ao cantar Não é que eu chore porque ela me engana 8Eu sei que um homem não deve chorar
Si los pastos conversaran Esa pampa le diría De qué modo la quería 12Con qué fiebre la adoré	Si os pastos pudessem falar Essa pampa lhe diria De que modo a queria 12Com que fervor a adorei
Cuántas veces de rodillas Tembloroso yo me he hincado 15Bajo el árbol deshojado donde un día la besé	Quantas vezes de joelhos Trêmulo eu fiquei 15Sob a árvore desfolhada onde um dia a beijei
Y hoy al verla envilecida A otros brazos entregada Fue pa' mí una puñalada 19Y de celos me cegué	E hoje ao vê-la desonrada A outros braços entregue Foi pra mim uma punhalada 19E de ciúmes fiquei cego
Y le juro todavía No consigo convencerme Cómo pude contenerme 23Y ahí nomás no la maté	E lhe juro até agora Não consigo me convencer Como pude me conter 23E aí apenas não a matei

⁴ Trata-se de um recurso para fins de elucidação do conteúdo-sentido da letra. Para tanto, são mobilizadas diferentes modalidades de tradução, como tradução literal (palavra por palavra), modulação (deslocamento no segmento sintático) e omissão de termos, como no caso de “canejo”, para o qual não há correspondente na língua portuguesa.



01 a 04 de
OUTUBRO
EVENTO GRATUITO

IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

Tomo y obligo, mándese un trago De las mujeres mejor no hay que hablar Todas, amigo, dan muy mal pago 27Y hoy mi experiencia lo puede afirmar Siga un consejo, no se enamore Y si una vuelta le toca hociar ¡Fuerza canejo, sufra y no llore! 31Que un hombre macho no debe llorar	Bebo e obrigo, mande um trago É melhor não falar das mulheres Todas, amigo, pagam muito mal 27E hoje minha experiência pode afirmar isso Siga um conselho, não se apaixone E se uma vez tiver que suportar Força, sofra e não chore 31Que um homem macho não deve chorar
--	--

Fonte: Elaboração própria (2024).

A letra é composta por sete estrofes de quatro versos cada (*quadra/copla*) e uma estrofe de três versos (*terceto*), totalizando trinta e um versos. Ademais, apresenta sistema de rimas definido. Os versos iniciais da canção permitem identificar a situação interna narrada: um sujeito chega em algum local para beber (um bar, possivelmente), dirige-se a seu interlocutor (o garçom, é de se atinar), chegando, inclusive, a pedir/ordenar que beba com ele: “Beba connigo” (verso 5). Fundamentalmente, o sujeito se mostra à procura de acolhimento para sua dor (cf. verso 4).

Com base no trabalho de Dulce María Dalbosco (2017), é possível entender que a inclusão do interlocutor na cena instaurada pelo discurso é o que permite ao “eu” falar de si mesmo, fazendo confidências. Com efeito, o tom melancólico predominante tende a acentuar o narrado, promovendo-o à loucura. Vale ter presente que o tango confessional, como pode ser classificado, determina um incremento da subjetividade na poética tangureira. Igualmente, é produtora notar que, na letra do tango em análise, o eu lírico se dirige a um interlocutor que provavelmente também é um homem e que, portanto, tende a compartilhar de crenças e valores, propiciando a configuração de um modo de pensar masculino em relação à mulher.⁵

Dado o objetivo deste ensaio, que é analisar a representação social da mulher no referido tango, merece destaque o verso 8, que encerra a segunda estrofe: “Yo sé que un hombre no debe llorar”. No trecho, é possível distinguir um discurso sustentado pelo contraste homem X mulher. Trata-se de uma espécie de ressalva do sujeito lírico que, embora se apresente em uma situação

⁵ Para uma discussão sobre a possível relação social entre homens, ver Segato (2022). Em seu trabalho, a antropóloga argentina discorre sobre o mandato de masculinidade, sistema de poder masculino.



lamuriosa, entende que não pode chorar, pois é um homem. O discurso de que “homem não chora” mostra-se, portanto, materializado nessa passagem. Sugere-se, assim, que chorar é uma ação ruim, a ser evitada, não é senão coisa de mulher.

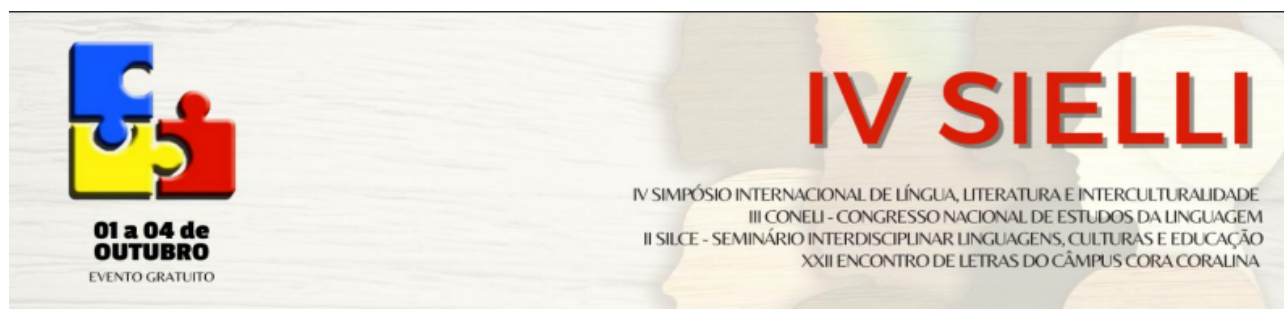
De igual maneira, os versos 22 e 23 reclamam escrutínio. Para isso, cabe recuperar o contexto: ao narrar aquilo que se caracteriza como uma desilusão amorosa, percebida como uma traição (cf. verso 7), uma punhalada (cf. verso 18), o sujeito revela seu grande sentimento de ciúmes (“Y de celos me cegué”, verso 19). Finalmente, anuncia, de forma explícita, seu estado de inconformação (observe-se o tom interrogativo) com um feminicídio não consumado: “Cómo pude contenerme/Y ahí nomás no la maté”. A mulher, então, é representada como alguém que merece morrer, haja vista sua conduta de envolvimento com outro (cf. verso 17). Eis o discurso da honra masculina, da dominação do patriarca.

Integrantes da sexta estrofe, destacam-se os versos 25, 26 e 27: “De las mujeres mejor no hay que hablar/Todas, amigo, dan muy mal pago/Y hoy mi experiencia lo puede afirmar”. O trecho é interessante do ponto de vista da generalização que enuncia: Todas as mulheres pagam muito mal. O uso da construção “pagam muito mal” denuncia o discurso de que a mulher deve ser subserviente, responder ao homem de determinada maneira, provavelmente atendendo suas expectativas, em retribuição àquilo que lhe é oferecido, independentemente de ser algo bom ou ruim.

A seu turno, a estrofe final já produz um efeito categórico pelo simples fato de arrematar a canção. Entretanto, soma-se a isso o conteúdo ideológico divulgado, concretizado na forma de uma incitação ao interlocutor: “¡Fuerza canejo, sufra y no llore!/Que un hombre macho no debe llorar” (versos 30 e 31). Cabe sublinhar a reiteração do discurso de que homem não chora, mulher e homem “afeminado” sim, em oposição à homem macho - note-se a especificação proporcionada pelo adjetivo “macho”⁶.

Como afirma Jodelet (2001), as representações servem a necessidades e interesses de grupos sociais. Disso decorrem certos efeitos nos conteúdos representativos, com destaque para a distorção. As características do representado, nesse caso, são acentuadas ou reduzidas, o que pode ser

⁶ Como aponta o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2020, p. 43), na estrutura social que vincula sexualidade a poder, “a pior humilhação, para um homem, consiste em ser transformado em mulher”. A transformação, nesse quadro, pode se expressar pela associação de características manifestadas pelo homem ao universo da mulher.



verificado na letra do tango. Nela, a categoria social da mulher é elaborada em referência a categoria do homem, contendo traços semelhantes, mas com menos qualidade. Em outros termos, na imagem da mulher construída pelo tango, esse sujeito social aparece como inferior, desleal e mais fraco do que o homem.

As breves considerações apresentadas propiciam verificar a representação social da mulher como um sujeito subalterno, que chora e pode vir a cometer erros, pelos quais deve pagar, inclusive com a própria vida, especialmente em função da honra masculina. O conteúdo veiculado pelo tango pode ser explicado pelo fato de que, como afirma Bakhtin (2017, p. 16), os gêneros do discurso “acumulam formas de visão e assimilação de determinados aspectos do mundo”. Isso implica ter presente o entendimento de que os sistemas representacionais, como é o caso da linguagem, são usados para construir sentidos e, conseqüentemente, inteligibilidades sobre o mundo. Assim, no material em análise, são construídos sentidos a respeito do lugar de submissão por vezes atribuído à mulher na sociedade.

A representação da mulher, vale sublinhar, não é um mero reflexo, ou seja, não tem a ver com uma imitação da realidade. Antes, a representação é construída no jogo dinâmico entre o plano que se mostra (a linguagem) e o caldo cultural, que desvela, enfim, o segundo plano, o do sentido. Esse aspecto se mostra em consonância com a defesa de Jodelet (2001) de que as representações sociais devem ser estudadas considerando-se articulações, como indivíduo, linguagem e relações sociais. Para isso, concorre a aceção de que a interpretação é viabilizada pela posição de leitura aqui assumida, que pressupõe uma distância temporal. É preciso lembrar, pois, a data do tango, que corresponde aos anos 1930. Quase um século depois, os valores embutidos na letra se tornam questionáveis, sobretudo considerando-se questões de gênero e equidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do tango argentino *Tomo y obligo*, ao revelar a representação social da mulher como submissa e inferior, permite entender que o texto artístico contribui para a feitura do mundo à medida que cria um sentido abstrato e universal (generalizador) a partir de uma experiência singular e situada (a do sujeito lírico). Aponta-se, assim, para o estudo das representações sociais da mulher



em diálogo com a formação da identidade do homem, haja vista a transformação concedida pela relação de alteridade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. A ciência da literatura hoje (Resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir*). In.: BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017 [1970]. p. 09-19.

BAKHTIN, M. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016 [1959-1961]. p. 71-108.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 18. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

DALBOSCO, D. M. Las construcciones del otro en la poética del tango: figuras del tú lírico. In: FUA PÚPPULO, V.; CURCIO, J. **Actas de las Primeras Jornadas de Lenguaje, Literatura y Tango**. Buenos Aires: La Docta Ignorancia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.uca.edu.ar/handle/123456789/11433>. Acesso em: 08 jul. 2024.

HALL, S. O papel da representação. In: HALL, S. **Cultura e representação**. Organização e Revisão Técnica Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016. p. 31-56.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.) **As representações sociais**. Tradução de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p.17-44.

POETRY, music and identity. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (16 min 40 seg). Publicado pelo canal TED. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C2p42GASnUo&t=719s>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SEGATO, R. **Cenas de um pensamento incômodo: gênero, cárcere e cultura em uma visada decolonial**. Tradução de Ayélen Medail *et al.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

TOMO y obligo. [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (2 min 08 seg). Publicado pelo canal Carlos Gardel. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DHjwc1xhhKo>. Acesso em: 21 jun. 2024.